

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online

Doutorado
PPgEnfBio

PPCENF

ISSN 2175-5361
DOI: 10.9789/2175-5361

REVISÃO

The preceptorship in undergraduate nursing: an integrative review of the literature

A preceptoría na graduação em enfermagem: uma revisão integrativa da literatura

La preceptoría en pregrado en enfermería: una revisión integradora de la literatura

Verônica Caé da Silva¹, Lígia de Oliveira Viana², Claudia Regina Gonçalves Couto dos Santos³

ABSTRACT

Objective: Identify and analyze the evidence available in the literature on preceptorship in nursing, with emphasis on studies in Brazil. **Method:** Integrative review of the literature conducted in 2010, from the VHL. There were analyzed 48 studies whose inclusion criteria were: scientific publications, abstracts or full text available in selected databases in the period between 2000 and 2010. **Results:** The preceptor is the nurse's health service plans, monitors, supervises and evaluates the nursing students in practice developed during the internship. Some of the difficulties encountered in preceptorship are: lack of time to devote to the trainees with all the other tasks of the service, the problems in the infrastructure of the workplace and little preparation for this activity. **Conclusion:** There is need to produce knowledge about the nursing preceptorship during graduation and further discussion of the issue on the national scene. **Descriptors:** Nursing, Nursing education, Tutoring.

RESUMO

Objetivo: Identificar e analisar as evidências disponíveis na literatura sobre a preceptoría em enfermagem, com ênfase na graduação no Brasil. **Método:** Revisão integrativa de literatura realizada em 2010, a partir da BVS. Analisamos 48 estudos cujos critérios de inclusão foram: publicações científicas, com textos completos ou resumos disponíveis nas bases de dados selecionadas, no período compreendido entre 2000 e 2010. **Resultados:** O preceptor é o enfermeiro do serviço de saúde que planeja, acompanha, supervisiona e avalia os graduandos de enfermagem na prática desenvolvida durante o estágio. Algumas das dificuldades encontradas na preceptoría são: a falta de tempo para dedicar-se aos estagiários, com todas as outras atribuições do serviço, os problemas na infra-estrutura do local de trabalho e o pouco preparo para esta atividade. **Conclusão:** Há necessidade de produção do conhecimento sobre a preceptoría de enfermagem durante a graduação e de maiores discussões sobre a temática no cenário nacional. **Descritores:** Enfermagem, Educação em enfermagem, Tutoria.

RESUMEN

Objetivo: Identificar y analizar las evidencias disponibles en la literatura sobre preceptoría en enfermería, con énfasis en los estudios en Brasil. **Método:** revisión integrativa de la literatura realizada en 2010, de la BVS. Fueron analizados 48 estudios cuyos criterios de inclusión fueron: publicaciones científicas, resúmenes o textos completos disponibles en bases de datos seleccionados en el periodo comprendido entre 2000 y 2010. **Resultados:** El preceptor es los planes de servicios de salud de la enfermera, monitores, supervisa y evalúa a los estudiantes de enfermería en las prácticas desarrolladas durante la pasantía. Algunas de las dificultades encontradas en preceptoría son: la falta de tiempo para dedicar a los alumnos con todas las otras tareas del servicio, los problemas en la infraestructura del lugar de trabajo y poca preparación para esta actividad. **Conclusión:** Existe una necesidad de producir conocimientos sobre la preceptoría de enfermería durante la graduação y posterior debate de la cuestión en la escena nacional. **Descriptor:** Enfermería, Educación en enfermería, Tutoría.

¹Mestranda em Enfermagem e Membro do Núcleo de Pesquisa e Educação e Saúde em Enfermagem (NUPESEnf) da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) - UFRJ. Docente da Escola de Ciências da Saúde da UNIGRANRIO. Enfermeira Líder do HFB/MS e da PMS de Duque de Caxias. E-mail: vcae@superig.com.br. ²Enfermeira, Doutora em Enfermagem pela EEAN - UFRJ. Professora Titular do Departamento de Metodologia em Enfermagem e Membro do NUPESEnf da EEAN - UFRJ. Docente da Graduação e Pós-Graduação da EEAN - UFRJ. E-mail: ligiaviana@bol.com.br. ³Enfermeira, Doutora em Enfermagem pela EEAN - UFRJ. Professora Adjunta do Departamento de Metodologia em Enfermagem e Membro do NUPESEnf da EEAN - UFRJ. Docente da Graduação da EEAN - UFRJ. E-mail: claudiargcouth@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Passamos por um momento histórico de início do século XXI em que acontecem rápidas mudanças cotidianamente, estas se refletem na formação durante os cursos de graduação em enfermagem, que precisam se apropriar de novos métodos que oportunizem aos alunos a capacidade de compreensão da realidade.

A Lei nº 9.394/1996¹, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), indica que uma das funções da educação superior é justamente o estímulo ao conhecimento dos problemas do mundo presente. Todas as pessoas (podemos também denominar de sujeitos sociais) envolvidas no processo de ensino e aprendizagem de graduandos devem cuidar para que estes tenham oportunidade de entender o mundo concreto, a realidade humana em seu conjunto, que engloba o histórico, o econômico, o cultural, o político e o social.

A formação em saúde se dá pelas relações concretas que operam realidades e que facilitam a construção de espaços coletivos para reflexão e avaliação dos atos que são vivenciados no cotidiano.² Durante a graduação nas profissões da área da saúde ocorre a participação efetiva de vários sujeitos: os professores, os alunos, os usuários do serviço de saúde, seus familiares e os profissionais dos serviços - no nosso caso, os enfermeiros.

O educador e filósofo Dermeval Saviani aponta que no dia a dia escolar os agentes sociais estão em níveis distintos, isto é, professor e aluno, ou preceptor e graduando de enfermagem “encontram-se em níveis diferentes de compreensão (conhecimento e experiência) da prática social”.^{3: 70} Assim sendo, os cursos de graduação em enfermagem devem organizar seu projeto político pedagógico reconhecendo esse contexto dinâmico.

A reflexão sobre a questão do método de ensino é fundamental para a ação pedagógica. Sendo que a pedagogia “significa literalmente a condução da criança, e a sua origem está no escravo que levava a criança até o local dos jogos ou o local onde ela recebia instrução do preceptor”.^{4: 75}

Portanto, o preceptor era o indivíduo com o conhecimento necessário para o ensino seguro da criança, este saber do preceptor tinha relação direta com sua experiência de vida, construída historicamente. Da mesma forma que esta criança, é possível trazer neste texto, o graduando de enfermagem, também tem sua experiência e conhecimento, mas, num nível de compreensão diferenciado, que irá ser trabalhado com a relação que estabelecer com o preceptor.

A formação durante a graduação em enfermagem envolve as dimensões da teoria e da prática, sendo que esta última deve ocorrer obrigatoriamente nos dois últimos semestres dos cursos, através do estágio curricular, conforme a Resolução nº 3 de 2001, de Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (DCN'S).⁵

Na vivência do estágio curricular do graduando pode existir a participação do enfermeiro preceptor, com seus conhecimentos e prática experimentados nos diversos serviços de saúde, tanto de atenção básica quanto de média e alta complexidade, dentro dos princípios e diretrizes preconizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) vigente em nosso país.

A palavra preceptor é definida por Ferreira como “aquele que ministra preceitos ou instrução”.^{6: 648} Esta definição vem ao encontro do que está sendo apresentado neste artigo, o enfermeiro que instrui os estudantes de graduação em enfermagem, na práxis.

É na esfera da prática que se estabelece a interação entre o enfermeiro preceptor e o graduando de enfermagem. Em se tratando de estágio de enfermagem ou prática de enfermagem, não é possível desvinculá-la do conhecimento teórico. Deste modo, “um conceito sintético que articula a teoria e a prática”^{4: 141}, pode ser denominado práxis. Importa não fazer sem reflexão, mas, a prática ser fundamentada pela teoria e vice-versa.

A partir dessas considerações e da vivência de uma das autoras como preceptora de enfermagem num serviço de saúde pública do Rio de Janeiro, emergiu o interesse pelo estudo. Foram formuladas as seguintes questões norteadoras: Atualmente como tem sido abordada a temática da preceptoria em enfermagem nos serviços de saúde e nas instituições de ensino? Quais as evidências disponíveis na literatura acerca da preceptoria com foco na graduação no país?

O objetivo do presente estudo é identificar e analisar as evidências disponíveis na literatura sobre a preceptoria em enfermagem, com ênfase na graduação no Brasil.

METODOLOGIA

Para atender ao que se deseja investigar, este estudo utilizou o método de revisão integrativa, que “tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado”.^{7: 759}

As etapas da elaboração da presente revisão integrativa foram as seguintes: estabelecimento de questões a serem respondidas e objetivo da revisão integrativa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de artigos e outros estudos bibliográficos (seleção da amostra); definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; análise dos resultados e discussão.

A partir da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), para a seleção das publicações foram utilizadas, em maio e junho de 2010, as bases de dados: LILACS, IBICS e MEDLINE.

Os critérios de inclusão dos estudos definidos para a presente revisão integrativa foram: publicações científicas em português, inglês ou espanhol, com textos completos ou resumos disponíveis nas bases de dados selecionadas, no período compreendido entre 2000 e 2010.

Como critérios de exclusão foram eleitos: editoriais, publicações anteriores ao ano de 2000 e referências que não permitiram acesso ao resumo ou texto completo on line.

Inicialmente utilizamos as [palavras] “PRECEPTORIA” and “ENFERMAGEM” nas bases LILACS e IBICS, num total de 58 referências do ano de 2000 a 2010, selecionamos 16 para o estudo.

Na MEDLINE, a busca se deu pelos termos “Preceptoria” and “Educação em Enfermagem” no [Descritor de assunto], com recorte temporal do ano de 2005 a 2010. Num total de 42 publicações (sendo que 01 apareceu repetida em busca anterior), selecionamos 32 para o estudo.

A amostra final desta revisão integrativa foi constituída de 48 publicações, sendo: 46 artigos, 01 tese de doutorado e 01 dissertação de mestrado.

Para apresentação dos dados que foram incluídos na revisão integrativa, foram construídos 02 quadros, considerados figuras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos critérios de inclusão e exclusão descritos na metodologia, os 46 artigos científicos que compõe esta revisão foram extraídos de 21 periódicos nacionais e internacionais indexados.

Os periódicos brasileiros específicos de enfermagem encontrados foram 05: Revista de Rede de Enfermagem do Nordeste (Rene), Acta Paulista de Enfermagem, Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), Revista Enfermagem Uerj e Revista Latino-Americana de Enfermagem da USP, como pode ser observado na Figura 1.

Periódico de enfermagem	Nº de publicações	Ano da publicação	Tipo de estudo
Rene	1	2008	Qualitativo.
Acta Paul.	1	2008	Qualitativo, com abordagem fenomenológica.
REBEn	3	2000 2000 2007	Qualitativo, através de análise documental; Relato de experiência; Revisão de literatura.
Rev. Enf. Uerj	1	2006	Revisão de literatura.
Rev. Lat-am. Enf.	1	2002	Relato de caso.

Figura 1. Distribuição dos periódicos de enfermagem brasileiros quanto ao número de publicações, ano e tipo de estudo.

A tese de doutorado que compõe esta revisão foi do ano de 2009, defendida pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz e apresentou os conceitos de preceptoria, mas, na formação de médicos residentes⁸. Já, a dissertação de mestrado foi defendida pela Uerj, em 2004, e descreveu a preceptoria na perspectiva da residência em enfermagem.⁹

Destacaram-se 04 estudos brasileiros com enfoque na preceptoria nos cursos de graduação em enfermagem, conforme apresentado no quadro a seguir.

Periódico	Ano	Local do estudo	Autor e Título
Rene	2008	Bahia	Carvalho ESS, Fagundes NC. A inserção da preceptoria no curso de graduação em enfermagem ¹⁰ .
Revista Brasileira de Educação Médica	2009	Rio de Janeiro	Trajman A, et al. A preceptoria na rede básica da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro: opinião dos profissionais de saúde ¹¹ .
Rev. Lat-am. Enf.	2002	Rio Grande do Sul	Saupe R, Geib LTC. Programas tutoriais para os cursos de enfermagem ¹² .
REBEn	2007	Rio Grande do Sul	Geib LTC, et al. A tutoria acadêmica no contexto histórico da educação ¹³ .

Figura 2. Apresentação dos artigos científicos brasileiros publicados que destacaram a preceptoria na graduação em enfermagem.

Num breve resgate da história da educação brasileira, encontramos que a preceptoria “foi desenvolvida prioritariamente através do método do ensino mútuo, de Lancaster, anunciado pelo ministro do Império José Bonifácio de Andrada e Silva, com o apoio do Imperador D. Pedro I”.^{14: 6}

No método do ensino mútuo, divulgado no Brasil desde 1808, os alunos mais adiantados na escola eram usados como auxiliares dos docentes para as turmas com maior número de alunos. Neste, prevalecia o modelo de pedagogia tradicional, com regras rígidas onde pelo simples fato de falar, o aluno poderia ser punido; a importância estava em ensinar a um maior número de alunos possíveis.

A respeito da política educacional no Império Brasileiro, Saviani et al¹⁵ apontam que neste método a pedagogia não era nominada como tal e não surgem louvores nas fontes sobre esta forma de instruir.

Na revisão integrativa realizada pudemos detectar a presença de estudos, publicados em periódicos de fomento, assinalando a preceptoria nos cursos de graduação na área da saúde, na residência em enfermagem, na educação à distância e como atividade do próprio docente de enfermagem das instituições de ensino superior - IES's (muitas vezes com o título de tutoria), quando está com aluno em ensino clínico.

Na tradução do estudo espanhol de Moya et al “tutores são os enfermeiros experimentados que facilitam e avaliam a aprendizagem do alunado no trabalho real do próprio entorno clínico”.^{16: 17} Portanto, muitos artigos trazem o termo tutor ao invés de preceptor, considerando o emprego do descritor da BVS, em português e espanhol “tutoria”. Porém, também o fazem quando se refere à orientação do professor em estágio clínico.

A preceptoria em enfermagem é uma prática desempenhada pelos enfermeiros dos distintos serviços de saúde do Brasil. Atividade está que se realiza em nível de graduação, onde podemos intitular de preceptor àquele enfermeiro que acompanha, supervisiona, coordena, ensina e aprende com os alunos de graduação em enfermagem no cotidiano da assistência à saúde de indivíduos, grupos e comunidade. Mas, cabe destacar que ainda existe uma lacuna do conhecimento a ser preenchida quando nos deparamos com a escassez de resultados de estudos sobre preceptoria com foco na graduação em enfermagem no Brasil.

Um dos principais estudos encontrado discute a introdução da preceptoria na graduação em enfermagem e assegura que

É no contexto da implantação dos estágios curriculares supervisionados que surge a figura do preceptor nos cursos de graduação em enfermagem. (...) na elaboração da programação e no processo de supervisão do aluno pelo professor, será assegurada efetiva participação dos enfermeiros do serviço de saúde no espaço onde se desenvolve o referido estágio (...) mediador de um processo de ensino-aprendizagem (...) o enfermeiro lotado nas unidades de saúde, cujas atribuições principais são a orientação e supervisão de estudantes em estágios curriculares supervisionados. (Carvalho e Fagundes, 2008, p.99).¹⁰

Assim sendo, ao preceptor de enfermagem (enfermeiros chefes de unidade, líderes plantonistas e ou supervisores) cabe o papel de mediador do conhecimento na intenção de contribuir para formação do indivíduo que seja capaz de promover mudanças nas práticas de saúde e de enfermagem.

Com o SUS, a prática da integralidade no trabalho em saúde é o que se almeja atualmente, e o preceptor deve ser partícipe funcional, permitindo o acesso do estagiário nos espaços de prática exigidos pelas DCN's, desde a construção do projeto ou proposta de curso, compreendendo cada etapa do que se quer e do que está sendo realizado.

No ensino de enfermagem deve-se evitar a desarticulação entre formação e realidade. Deste modo, neste caminho o preceptor é um elemento essencial, pois, do ambiente de trabalho, da característica e perfil da clientela assistida, da realidade local onde o serviço está inserido, das

dificuldades operacionais, de como realizar as atribuições de enfermagem exigida para cada caso dentro do contexto, é ele quem pode dar respostas reais.

Sobre a preceptoria na atenção básica em saúde do Rio de Janeiro, Trajman et al¹¹ questionaram aos preceptores se acreditavam que fazia parte do serviço orientar estudantes e mais de 90% dos enfermeiros respondeu que sim.

Como modelo de prática assistencial para o futuro formando em enfermagem, o preceptor é um profissional que ensina, sustenta emocionalmente, visando “facilitar o processo de socialização e aproximação do estudante ao seu novo papel (...). Deve assumir também responsabilidade na avaliação discente no âmbito das práticas”.^{17: 179}

Concordam com o que assinala Laranjeira, Saupe e Geib, quando atribuem ao preceptor à função de “facilitar a percepção, compreensão e ação do aluno, em direção à conquista de sua transformação em enfermeiro”.^{12: 724}

Como o graduando de enfermagem percebe, compreende e age sobre a realidade da assistência à saúde do ser humano nos serviços hoje, acompanhado por um supervisor, sendo este, o enfermeiro do campo de estágio, assim acreditamos que ele aprende a prestar esta assistência. Mas, não ingenuamente, pois, o homem não é um ser passivo, “ele reage perante a situação, intervém pessoalmente para aceitar, rejeitar ou transformar”.^{18: 40}

Apesar de não ser um profissional da academia, o preceptor é respeitado como alguém significativo sim para a formação do enfermeiro, mesmo que, como apontado no estudo abaixo, mas, onde cabem maiores reflexões, no auxílio para melhoria de competência clínica.

*(...) aquele profissional que não é da academia e que tem importante papel na inserção e socialização de recém-graduado no ambiente de trabalho (...) o preceptor (...) tem a função de estreitar a distância entre teoria e prática (...) de orientar, dar suporte, ensinar e compartilhar experiências que melhorem a competência clínica e ajudem o graduando e o recém-graduado a se adaptar ao exercício da profissão. (Botti e Rego, 2008, p. 365).*¹⁹

Com esta perspectiva, há que se refletir na inter-relação necessária entre academia e serviço para possibilitar aos enfermeiros do campo de estágio compreender o processo de formação que o aluno traz desde o início da graduação até a chegada ao mesmo, que legalmente só é obrigação a partir dos dois últimos semestres do curso. E daí, entender o que ele culturalmente e historicamente diz, nem sempre com palavras, com suas ações de aceitação, repulsa e transformação prática a partir do que desenvolve com o preceptor no dia a dia. E, quem sabe, usará de instrumentos teóricos e práticos para ir além da condução deste aluno somente no sentido de adaptação ao exercício da futura profissão.

Um estudo sobre a residência de enfermagem em um hospital militar apontou que um dos aspectos negativos relacionados à preceptoria foi o despreparo para transmissão dos conteúdos necessários para prática do enfermeiro e o pouco envolvimento com o meio acadêmico. De acordo com a autora do estudo, “para ensinar não basta ter o domínio do conhecimento, deve-se também considerar como ensinar e isto implica um mínimo de formação pedagógica”.^{20: 160}

A universidade tem um importante papel na formação de preceptores, dando aos enfermeiros oportunidades de se aproximarem das questões próprias do processo de ensino e de aprendizagem, oferecendo cursos de atualização nas áreas específicas, viabilizando participação em eventos científicos para aproximação maior da realidade acadêmica, em âmbito extramuros das unidades de saúde.

Deve haver reconhecimento dos que tem vontade de atuar como preceptores e se abrir um canal de comunicação acessível aos mesmos, oferecendo espaços autênticos de participação.

Uma pesquisa realizada na Faculdade de Marília aponta que os alunos percebem que

(...) o enfermeiro é um profissional que está desmotivado, desmobilizado e conformado com sua condição de trabalho, e que isso pode ser em decorrência de uma forma de capacitar os enfermeiros na graduação (...) a crítica começou a ser construída na escola, mas será desenvolvida ao longo da vida, visto ser esse um processo permanente de construção. (Chirelli e Mishima, 2003, p.580).²¹

Deste modo, na articulação do ensino com o serviço, o enfermeiro do cenário prático em saúde talvez encontre razões para ser um exemplo de profissional, e quem sabe, no exercício da preceptoria, este desenho posto no estudo acima, possa ser modificado, pois, reconhecendo seu valor na formação de novos enfermeiros, o preceptor se revitalize também.

Não há neutralidade nas relações entre os homens, por conseguinte todos aprendem e ensinam, ensinam e aprendem a partir de suas experiências pessoais, advindas também da formação profissional. Estudando Saviani e a pedagogia histórico-crítica, reconhecemos que por não existir conhecimento sem interesse, a neutralidade é impossível. O mesmo autor expõe que o “que leva ao homem a filosofar: são os problemas que o homem enfrenta no transcurso de sua existência”.^{18: 17}

Em relação aos entraves funcionais no decurso da preceptoria, para Botti e Rego, “o preceptor desenvolve uma relação que exige pouco compromisso, percebido apenas no cenário do trabalho”.^{19: 370} Em Laranjeira encontramos relato sobre a sensação de responsabilidade dos profissionais de enfermagem quanto à preceptoria.

(...) nem sempre os profissionais de enfermagem consideram que é seu dever contribuir para formação clínica dos alunos. Ou, por outro lado, apesar de existirem disposições e motivações para a colaboração na formação dos alunos, os serviços não dispõem dos recursos suficientes para que esta seja uma realidade. (Laranjeira, 2006, p.178).¹⁷

O serviço deve acolher os estagiários de enfermagem, a partir do momento que se estabelece uma relação legal com as IES's que garanta a utilização do espaço como cenário de ensino e de aprendizagem, assegurando a todos que convivem neste ambiente o mínimo necessário para produção do cuidado de enfermagem, com excelência, para o cliente, família, comunidade, profissionais e para os próprios estagiários.

Vários estudos apresentam que outra dificuldade para àqueles que exercem o papel de preceptor é o acúmulo de funções, sendo reforçada a necessidade de um saber na esfera pedagógica que ajude na orientação do estudante ou estudantes sob sua responsabilidade. Logo, a preceptoria pode também ser considerada um:

(...) envolvimento dos profissionais do SUS com atividades de supervisão/orientação de estudantes de graduação da área da saúde. Esse envolvimento (...) exige o acréscimo de uma formação /aculturação pedagógica para além das funções técnicas que lhe são atribuídas. (Trajman et al, 2009, p. 25).¹¹

Portanto, algumas das dificuldades encontradas no exercício da preceptoria são: a falta de tempo para dedicar-se aos estagiários de enfermagem, com todas as outras atribuições do serviço; os problemas na infra-estrutura do local de trabalho; a falta de preparo profissional, no sentido mesmo de formação educativa para exercer a atividade.

Ainda, com relação à figura do preceptor, encontramos algumas características do perfil desejado no trecho destacado a seguir:

Ser perito na prática de enfermagem, no sentido de poder ser modelo para o aluno; Ter um desempenho ético, manifestado por atitudes adequadas no processo ensino/aprendizagem, como confiança, transparência, autenticidade, capacidade de ajuda, honestidade, disponibilidade, diálogo e responsabilidade, de modo a que o aluno e orientador possam estabelecer uma verdadeira relação de ajuda; Dominar e mobilizar a teoria e a prática de forma a tornar claro para o aluno o raciocínio profissional, que fundamenta a ação concreta, estimulando a prática reflexiva e crítica; Ser honesto e justo na avaliação como meio de promover a aprendizagem e o crescimento do aluno; Sentir e saber transmitir o seu entusiasmo, dando prestígio à arte e ciência de enfermagem. (Santos et al, 2006, s.p.).²²

Das características que deve ter o profissional enfermeiro ao assumir a função de preceptoria, verificamos a necessidade da articulação com a academia, especialmente antes do início do período de estágio do graduando, para que tenha clareza da amplitude de suas atividades, assim como do que o acadêmico já traz de construtos, a partir das discussões com seus professores sobre àquela prática que viverá com o preceptor.

CONCLUSÃO

Acreditamos que conseguimos atingir o objetivo proposto no presente estudo, identificando e avaliando as evidências disponíveis na literatura sobre a preceptoria em enfermagem, com destaque para a graduação nos diversos cursos do Brasil.

Foram encontrados estudos internacionais e nacionais, sendo os mais significativos de 03 regiões do país: Sul, Sudeste e Nordeste. Destacamos a necessidade de produção do conhecimento sobre a temática.

Em todos os níveis de atenção à saúde do SUS, encontram-se alunos desenvolvendo sua prática de estágio, acompanhados por seus professores e também pelos preceptores, que atuam como participantes deste processo de ensino-aprendizagem ou co-participantes, mas, de forma alguma devem ser esquecidos.

Reconhecemos que uma estratégia importante é a discussão dos profissionais inseridos nas academias com os dos serviços de saúde, para a construção de um espaço vivo de possibilidades de aprendizagem para o graduando de enfermagem. Sendo assim, este exercerá futuramente a profissão como verdadeiro cidadão crítico e reflexivo, com responsabilidade na transformação das práticas de saúde oferecidas à população e com o próprio desenvolvimento da enfermagem.

REFERENCES

1. Brasil. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 1996.
2. Silva AB, et al. Capacitação de preceptores de enfermagem: estratégia para mudança na formação em saúde. R. pesq.: cuid. fundam. online 2010. out/dez. 2(Ed. Supl.):620-622 . Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1069/pdf_238>. [acesso 30 mai 2011].
3. Saviani D. Escola e democracia. 39. ed. Campinas, SP: Autores Associados; 2007.
4. Saviani D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 9. ed. São Paulo: Autores associados; 2005.
5. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº. 3, de 07 de Novembro de 2001. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília: 2001.
6. Ferreira ABH. Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa. 6. ed. Curitiba: Positivo; 2004.
7. Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Revisão Integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto Contexto Enferm. 2008; 17(4): 758-64.

8. Botti SHO. O papel do preceptor na formação de médicos residentes: um estudo de residências em especialidades clínicas de um hospital de ensino. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ; 2009.
9. Papa LMP. As relações de força vividas pelo enfermeiro preceptor da residência: um desafio pedagógico. Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: UERJ; 2004.
10. Carvalho ESS, Fagundes NC. A inserção da preceptoria no curso de graduação em enfermagem. Rev. Rene, Fortaleza, v.9, n.2, p.98-105, abr/jun, 2008.
11. Trajman A, et al. A preceptoria na rede básica da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro: opinião dos profissionais de Saúde. Rev. bras. educ. Med., Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022009000100004&lng=en&nrm=iso>. [acesso 24 mai 2010].
12. Saube R, Geib LTC. Programas tutoriais para os cursos de enfermagem. Rev Latino-am Enfermagem, 10(5), p. 721-6, setembro-outubro, 2002.
13. Geib LTC, et al. A tutoria acadêmica no contexto histórico da educação. Rev Bras Enferm, Brasília 2007 mar-abr; 60(2):217-20.
14. Berardinelli LMM, Coelho MJ, Figueiredo NMA. Preceptoria na residência de enfermagem. Rio de Janeiro: EPUB; 2003.
15. Saviani D, et al. O Legado Educacional do Século XIX. 2 ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados; 2006.
16. Moya FJN, et al. Perfil del tutor de prácticas de alumnos de enfermería - um estudio cualitativo. Index de Enfermería. Granada, año XI, n.39, p.16-19, inv, 2002.
17. Laranjeira CA. Aprendizagem pela experiência em enfermagem. Rev. Enf. UERJ. Rio de Janeiro, 14 (2), p.176-181, abr/jun, 2006.
18. Saviani D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez e Autores Associados; 1980.
19. Botti SHO, Rego S. Preceptor, supervisor, tutor e mentor: quais são seus papéis?. Rev. bras. educ. Med., Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 363-373, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022008000300011&lng=en&nrm=iso>. [acesso 03 jun 2010].
20. Minetto RC. Residência em enfermagem do hospital de base do distrito federal: avaliação dos ex-residentes. Com. Ciências Saúde, 19(2), p.155-162, 2008. Disponível em: <http://www.fepecs.edu.br/revista/Vol19_2art08.pdf>. [acesso 09 mai 2010].
21. Chirelli MQ., Mishima SM. A formação do enfermeiro crítico-reflexivo no Curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Marília - FAMEMA. Rev. Latino-americana de Enfermagem. 11(5), p. 574-84, set.-out, 2003.
22. Santos AP, et al. Reflexão sobre o que é ser preceptor de enfermagem clínica na instituição. In: HOSPITAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, EPE. Portugal: 2006. Disponível em: <http://www.hbarreiro.min-saude.pt/NoticiasEventos/Artigos/Reflexao_preceptor_enfermagem_clinica.htm>. [acesso 18 out 2007].

Recebido em: 03/07/2011

Revisão requerida: Não

Aprovado em: 13/09/2012

Publicado em: 01/12/2013

Correspondência:
Rua Paranapanema, 1100/202, Olaria - Rio de Janeiro/RJ CEP:
21073-185. Tel. +55(21)9679-0609. E-mail: vcae@superig.com.br